

Ooloda/Urutú, o patrimônio material, imaterial e cultural do povo indígena Medzeniako: saberes, a arte ancestral e científica do povo

Ooloda/Urutú: The Material, Intangible, and Cultural Heritage of the Medzeniako Indigenous People: Knowledge, Ancestral, and Scientific Art of the People

Enviado em: 23-09-2024

Aceito em: 12-01-2025

Ronaldo Jose Garrido¹

Tatiana de Lima Pedrosa Santos²

Resumo

O artigo visa contribuir com o fortalecimento e preservação da Memória Cultural e ancestral do povo *Medzeniako*. A relevância da cestaria *Ooloda/Urutú* para o povo indígena caminha na sua produção, significado e valorização. É patrimônio cultural, material e imaterial do povo, tem sido fundamental na vida de homem e mulher *Medzeniako*. O relato deste conhecimento faz o trabalho ser uma referência para o fortalecimento, prática, produção e valorização do *Ooloda/Urutú Medzeniako*. A relevância também se justifica por buscar registrar o significado e uso ancestral da cestaria *Ooloda/Urutú* entre os *Medzeniako*. Vale ressaltar que, para o povo indígena, o relato do conhecimento é relevante por ser uma estratégia para valorização e fortalecimento da cultura. Neste sentido, este artigo foca exatamente em ser meio de fortalecimento e (re) existência cultural do povo *Medzeniako* através da “produção da cestaria *Ooloda/Urutú*.”. Este trabalho aconteceu por meio do diálogo e registro de informações junto aos produtores da cestaria *Ooloda/Urutú*. Em conjunto, foi possível realizar e definir o sentido às experiências relatadas e identificar aspectos voltados à memória oral e cultural em relação à técnica da produção da cestaria *Ooloda/Urutú*, sua relevância, significado cultural e patrimonial para os *Medzeniako*.

Palavras-chave: Cestaria *Ooloda/Urutú*. Povo *Medzeniako*. Memória cultural e ancestral.

Abstract

The article aims to contribute to the strengthening and preservation of the Cultural and ancestral Memory of the *Medzeniako* people. The relevance of *Ooloda/Urutú* basketry for the indigenous people lies in its production, meaning and appreciation. It is the cultural and material heritage of the people, it has been fundamental in the lives of *Medzeniako* men and

¹ Doutorando em Antropologia social pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Mestre em Ciências Humanas (PPGICH) pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA e Graduado em Licenciatura Formação de professores indígenas FPI, habilitação em ciências humanas e sociais, título em educação escolar indígena pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: ronaldo21002@gmail.com.

² Doutora e Mestre, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2012), com área de concentração em Sociedade, Cultura Material e Povoamento. Graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Amazonas (2003). Atualmente é Professora do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Mestrado em Ciências Humanas, Área de Concentração: Teoria, História e Crítica da Cultura (2016) e arqueóloga responsável pelo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça, SEC/AM (2014), desenvolvendo trabalhos em Arqueologia Histórica. E-mail: tatixpedrosa@yahoo.com.br

women. The report of this knowledge makes the work a reference for the strengthening, practice, production and appreciation of Ooloda/Urutú Medzeniako. The relevance is also justified by seeking to record the meaning and ancestral use of Ooloda/Urutú basketry among the Medzeniako. It is worth highlighting that, for indigenous people, reporting knowledge is relevant as it is a strategy for valuing and strengthening culture. In this sense, this article focuses precisely on being a means of strengthening and cultural (re)existence of the Medzeniako people through the “production of Ooloda/Urutú basketry.” This work took place through dialogue and recording information with Ooloda/Urutú basketry producers. Together, it was possible to carry out and define the meaning of the reported experiences and identify aspects related to oral and cultural memory in relation to the Ooloda/Urutú basketry production technique, its relevance, cultural and heritage significance for the Medzeniako.

Keywords: Basketry Ooloda/Urutú. Medzeniako people. Cultural and ancestral memory.

Introdução

Minha identidade indígena faz parte do Povo *Medzeniako*, também conhecida pelos colonizadores como Baniwa. Sou falante da língua e escrevo na língua, assim como pertencço ao território do Povo *Medzeniako*, tanto à comunidade indígena de Nazaré quanto à comunidade de Cabarí do Médio Rio Negro, local fundado pelo meu Pai, Silvério Garrido, na década de 90, após sua migração do Rio Içana para o Rio Negro. E hoje a comunidade segue progredindo, com escola indígena do ensino fundamental e ensino médio. Ambos oriundos da terra indígena do Alto Rio Negro.

Imagem 1 - Mapa mental da comunidade de Cabarí do Médio Rio (SGC)



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Como pesquisador indígena, formador e orientador, eu diria que a relevância de trabalho desta temática é imensa e essencial. Torna-se meio de reflexão nas escolas, comunidades e aldeias no território do meu povo. Trata-se de conhecimento ancestral, patrimonial, material e imaterial do Povo. E é fundamental o conhecimento da nova geração

do nosso Povo. É nesse sentido que o presente trabalho busca contribuir para o fortalecimento e preservação da memória cultural, material, imaterial e ancestral do povo *Medzeniako*.

Medzeniako é termo que nos acadêmico pertencentes desse povo usamos para nos identificar. É termo que nos autodenomina. Palavra *Medzeniako* é a palavra que nos representa, é palavra que tem significado e sentido para nós. Para colonizadores nós somos Baniwa. Mas, Baniwa é um termo sem significado e sentido. Agora *Medzeniako*, é um termo que me apresenta “quem sou eu”, é um que nasce falando sua própria língua, tem seu próprio território assim por diante.

Frequentar espaço acadêmico é fundamental para nós, povos indígenas. No meu caso, frequentar e fazer parte do programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH pela Universidade do Estado Amazonas UEA foi muito importante. Neste trabalho trago uma parte do meu trabalho de mestrado. É nesse sentido que relatamos ou afirmamos a relevância dos trabalhos acadêmicos e frequentar as universidades. Pois, é nestes espaços também que temos a oportunidades de fazer as nossas vozes serem ouvidas, nossos conhecimentos, saberes, entre outros, serem vistas, presenciadas ou apreciadas.

A cestaria *Ooloda/Urutú* é feita com “fibras/talas” de *arumã*, uma espécie de planta de haste flexível que pode ser tingida. A cestaria *Urutú* faz parte do conhecimento do povo *Medzeniako*, mas observa-se que esse conhecimento é prática frequentemente por somente entre os *kanhekhe peri* (anciões), “produtores” desta cestaria, por meio de quem geralmente a produção acontece. “*Ooloda*” é na língua *Medzeniako* “*Urutú*” é na língua geral – Nhengatú, que significa “cesto de arumã”.

Atualmente existem poucos *Medzeniakonai* que têm acesso ou prática este conhecimento. Além disso, observa-se que esta prática parece não ser do interesse dos jovens *Medzeniako*, e esta situação nos provoca a imaginar que o Povo *Medzeniako* deixou de considerar relevante a produção de cestaria para uso da família. A consideração do *Ooloda* como patrimônio da família é notada muito pouco na atualidade. O que motivou a realização deste estudo.

Imagem 2 - Cestaria Ooloda patrimônio das famílias *Medzeniako*



Fonte: Arquivo pessoal 2023

Hoje, se nós formos conversar com o mais experiente (idoso) pertencente ao povo *Medzeniako*, a resposta dele referente à presença do não *Medzeniako* entre o povo tem dado e está dando efeito, em maior parte negativo, desde a chegada ao território do povo. Essas presenças prejudicaram diversas práticas culturais *Medzeniako*. Uma delas é a da produção de cestaria. Como? Por influência de outra cultura “não indígena”, nesse caso aqui a cultura do “não *Medzeniako*”, a prática de qualquer conhecimento cultural do Povo *Medzeniako* há décadas atrás foi afetada. Por exemplo, segundo nossos avôs, os missionários, os quais eram de outras religiões (cultura que não é a do *Medzeniako*), viam e diziam, ou “questionavam” a prática cultura, produção de algum objeto ou alguma manifestação, de forma exagerada, como uma prática do mal ou prática que faz parte do mal, prática que não agradaria ao criador, o “Deus”.

Tudo indica que, de fato, assim como diversos relatos históricos nos põem nesta reflexão, os não indígenas nos definiam e definem como povo sem cultura. Noção a qual está sendo desconstruída por nós hoje na academia, através dos trabalhos acadêmicos e científicos. É importante ressaltar que a cestaria *Ooloda/Urutú* faz parte da nossa história, da história do povo *Medzeniako*. Portanto, faz parte do patrimônio cultural e material dos *Medzeniakonai*, compreende a identificação e o modo de ser e de viver *Medzeniako*.

É importante lembrar e ressaltar que são diversas cestarias que o povo produz. Mas, aqui estou tratando somente de cestaria de arumã, o “*Ooloda*”. E o foco é relatar e apresentar um pouco sobre o “*Ooloda*” sua relevância para o povo. É certo que o [Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129](http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria)

conhecimento da cultura local reforça a valorização das identidades indígenas, sua diversidade cultural. Além disso, a preservação dos conhecimentos incentiva o desenvolvimento da região, uma vez que o artesanato é uma das fontes de renda de aproximadamente 70 a 80% das famílias *Medzeniakonai* em São Gabriel da Cachoeira AM.

Cestaria *Ooloda/Urutú*, memória Cultural e ancestral

Povo *Medzeniako* pode também definir a memória cultural como “práticas ancestrais”, haja vista que diversas práticas culturais ancestrais *Medzeniako* permanecem na memória, e algumas estão sendo praticadas até hoje. As técnicas de produção de cestarias e “artesanatos” são alguns dos conhecimentos ancestrais vivos e que até hoje resistem entre o povo *Medzeniako*, e, uma delas é a da produção do *Ooloda*.

A memória cultural, segundo Assmann (2013), é composta por patrimônios simbólicos materializados em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras, desenhos, entre outros suportes e meios de registros “mnemônicos” (objetos históricos, que marcaram ou marcam na vida e espaço de um certo lugar) que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remonta ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios.

Não estamos ainda habituados a falar da memória de um grupo. Mesmo por metáfora... Admitimos, todavia que haja, para as lembranças, duas maneiras de se organizar e que possam ora se agrupar em torno de uma pessoa definida, que as considere de um ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais. Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas (HALBWACHS, 1990, p. 53).

Maurice Halbwachs, em seu livro “Memória Coletiva”, aborda o fenômeno da memória como elemento construído de acordo com os fatos sociais e o contexto histórico dos indivíduos. Halbwachs (1990) categoriza memória coletiva como algo que não é individual. Segundo ele, as memórias saem da dimensão individual, pois as lembranças de cada sujeito nunca são apenas suas, elas fazem parte de uma memória de conjunto, de um grupo social. Halbwachs (1990) também aborda as diferenças entre o que é memória coletiva e memória histórica, sobre as quais afirma que a memória histórica busca reconstruir o passado através dos registros históricos, na busca por entender o presente.

Referenciado a isso, é possível hoje dizer que, para o povo *Medzeniako*, o *Ooloda* é um material e patrimônio histórico: ele, por si só, pela sua relevância na vida das famílias *Medzeniako*, é uma marca e permanece na história das comunidades *Medzeniako*. A reconstrução da memória histórica do povo se torna uma forma de entender a importância do conhecimento desse mesmo povo. É necessário que aconteça registros através de pesquisas, pois é um caminho para manter a memória preservada.

Os mais experientes *Medzeniako* relatam que a prática de produção de *Ooloda*, por exemplo, segue sendo repassada de geração em geração porque o conhecimento segue na memória. Relatam que isso tem muito a ver com a visão para o futuro. O povo *Medzeniako* tem conhecimento também de que a manutenção, fortalecimento e valorização da cultura e da memória de um povo somente se torna possível quando há vínculos identitários. A memória carrega o passado, porém a partir da dinâmica do presente.

O povo *Medzeniako* entende que um dos caminhos e a melhor forma de resguardar a memória, a história e a cultura, por exemplo, se tratando da produção de *Ooloda*, é com a transmissão da prática e técnica de produção das cestarias. Pois o lugar da memória no momento são os seus conhecedores e produtores. Hoje, muitos dos produtores da cestaria relatam que seria necessário trabalhar intensamente com os mais novos, homens e mulheres, para manter o conhecimento, e isso pode até ser um dos caminhos para o fortalecimento da memória cultural e conhecimento cultural do Povo.

A memória e a tradição cultural do povo *Medzeniako* são mantidas, quase exclusivamente, por meio da história oral, repassadas dos pais para os filhos e de geração a geração, tornando a tradição oral de um valor imensurável na perpetuação da cultura e na formação de vida do indivíduo *Medzeniako*. A história oral é, portanto, uma referência ímpar que vai reger a vida individual e coletiva de cada pessoa pelos diversos ambientes que ela transita.

Arte *Medzeniako*

Falar de Arte entre o povo *Medzeniako* ou questionar pessoas do Povo *Medzeniako* sobre o quê é ou qual seria o sentido ou significado do termo “Arte *Medzeniako*”, para eles, ou na opinião deles, seria definir o termo conforme sua própria imaginação, definição, olhar, leitura, entre outras formas de definir. Para nós, *Medzeniako*, a palavra “Arte” significa conhecimento. Portanto todas as técnicas que os *Medzeniako* possuem fazem parte da arte, as quais vêm do conhecimento criado, milenar ou ancestral. Entre o Povo *Medzeniako* há homens e mulheres artistas, especialistas em construir/produzir ou tecer diversos tipos de cestaria. Ou seja, cada homem e mulher têm o seu conhecimento herdado e específico, sua forma de arte.

Imagem 3 - Logo Arte Baniwa (*Medzeniako*)



Fonte: https://pib.socioambiental.org/pt/Arte_Baniwa. Acesso: 03 de junho de 2024

Arte Baniwa é a marca criada pelos *Medzeniako* para comercializar seus produtos, como a cestaria de *arumã* e a conhecida pimenta jiquitaia. É criada usando grafismo que também é usada produzida no *Ooloda*. A pimenta comercializada é uma mistura de pimentas cultivadas organicamente pelas mulheres *Medzeniako* nas roças e quintais das comunidades do rio Içana e afluentes. Tem sido comercializada externamente através do projeto Arte Baniwa, uma parceria entre a OIBI (Organização Indígena da Bacia do Içana), a FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro) e o ISA (Instituto Socioambiental). Esta iniciativa incentiva o povo *Medzeniako* em ter um olhar ou criatividade coletiva e individual.

Por experiência própria, arrisco dizer que muitas famílias ou comunidades fazem esta reflexão, pensam em criar logomarca para comercializar um ou mais produtos que, por exemplo, seriam especificamente de um conhecimento *Medzeniako* e de uma certa comunidade. Esta iniciativa acima mencionada incentiva o povo *Medzeniako* a ter um olhar ou criatividade coletiva e/ou individual. Mas, em muitos momentos, a ideia não segue em frente por falta de tempo, interesse ou até simplesmente por não ser prioridade de quem esteja na frente de comunidade como líder.

Cestarias *Medzeniako*

Imagem 4 – Alguma das cestaria *Medzeniako*



Fonte: Wetsu Neto Baniwa – publicação facebook -2024

Quando falamos de cestarias *Medzeniako*, estamos falando de arte milenar e ancestral do povo *Medzeniako*. Produção ou tecelagem de cestarias é um conhecimento ensinado aos homens e mulheres *Medzeniako* pelos seus heróis conhecedores. Para o povo, cestaria faz parte do patrimônio material e cultural de cada família.

Imagens 5 - Cestaria: Jarras, feita com fibras de *arumã*. *Ooloda/Urutús* com “grafismos” para comercialização



Fonte: Casa das artes Multiétnicos do Alto Rio Negro

Imagem 6 - Exposição de diversas cestarias



Fonte: Jaime Lopes. Rede social – publicação_facebook 2022

Medzeniakos da comunidade de Cabarí do médio Rio Negro, produtores das cestarias, relatam que não são somente as mulheres *Medzeniako* que utilizam as cestarias como o Ooloda por exemplo. Cestarias são utilizadas pelos homens e mulheres *Medzeniako* em diversas atividades cotidianas e conforme a necessidade da família, assim como ambos são produtores de variadas cestarias.

Imagem 7 - Mulheres no processo e técnica de preparo das fibras de arumã e produzindo cestarias



Fonte: Jaime Lopes. Rede social – publicação_facebook 2022

Imagem 8 - Mulheres produzem cestaria para vender e para uso próprio no seu dia a dia



Imagem 8 - Mulheres produzem cestaria para vender e para uso próprio no seu dia a dia
Fonte: Jaime Lopes. Rede social – publicação_facebook 2022

Nós, homens *Medzeniako*, utilizamos *Ooloda*, por exemplo, para colocar a farinha que acaba de ser tirada do forno; muitas vezes é o homem que exerce essa atividade como forma de auxiliar a esposa, mãe, irmã ou parente que esteja produzindo a farinha. O *Urutú* é utilizado pelos homens *Medzeniako* para carregar a mandioca antes e depois de ser ralada. Os homens *Medzeniako* utilizam as cestarias, especificamente o *Urutú*, para fazer a mistura e divisão da massa da mandioca; para guardar seus materiais de pesca e caça. E há outras formas que os *Urutús* são utilizados pelos homens e mulheres *Medzeniako*, conforme as suas necessidades cotidianas, culturais e as finalidades que os levam a produzir cestaria.

Nos dias de hoje, a maioria das famílias do povo *Medzeniako* não acha mais relevante e necessário o uso das cestarias nas atividades cotidianas, porque os objetos adquiridos nos comércios são considerados os melhores. Por exemplo: bacia e balde de alumínio ou plástico são os mais utilizados nos cotidianos de cada família, e esses materiais e objetos adquiridos nos comércios da cidade são os que ocupam o lugar das cestarias. Ou seja, as indústrias hoje provocam e prejudicam a prática de produção das cestarias. Mas os produtores persistem e resistem, apesar de serem poucos os que continuam produzindo cestarias; os que restaram estão produzindo e vendendo para os que as comerciam. Assim, essa estratégia de produzir e vender é um dos caminhos que hoje visa fortalecer e contribuir com a prática de produção e valorização da memória cultural do povo.

Os trançados das cestarias são produzidos a partir de técnicas de manufatura que empregam tanto as mãos como os dedos. Para os *Medzeniakos* os gestos que são necessários para a confecção das cestarias permitem identificar as diferentes técnicas de produção. Desta forma, a cestaria, a tecelagem e a técnica de produção são categorias designadas pelo mesmo termo, porque essas técnicas empregam as duas mãos em movimentos. A necessidade de usar ambas as mãos indica que a cestaria constitui uma técnica na qual se trabalha intensamente, ao contrário daquelas que empregam apenas as

pontas dos dedos e unhas, como na tecelagem da peneira, abano entre outros.

Os produtores das cestarias afirmam que existe período do dia que as cestaria devem ser confeccionadas, para que tenham boa qualidade. O meu avô Guilherme Garrido (in memoria) dizia que o horário melhor para produzir ou continuar a confecção de *Tirolipi* ou *Ooloda* é pela manhã. Antes do café da manhã ou após as 17h00min em diante ou quando o dia fica ou está nublado ou amanhece chovendo. *Tirolipi* é um material feita de arumã ou com outros materiais. É tecnologia feita para o processo de exprimer a massa da mandioca “que tira água da massa”.

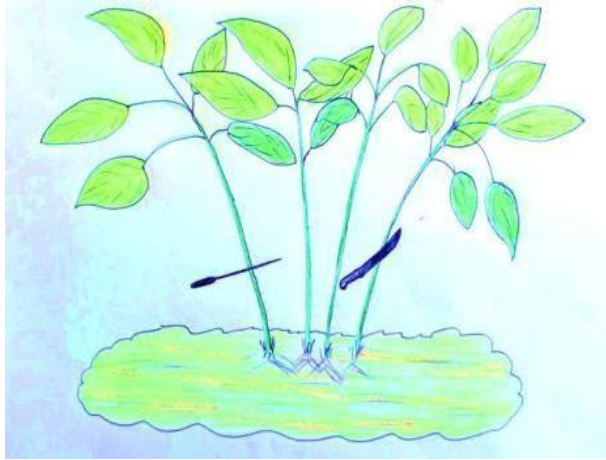
Meu avô tinha uma casinha de palha, “uma casa feita de palha de *caraná*, madeira, cipó e paxiúba” era o local onde ele se acomodava para produzir suas cestarias. Mas, às vezes, ele preferia ficar embaixo dos pés de plantações dele, próximo à sua casa, de preferência onde esteja batendo o vento natural. Outros produtores preferem ficar na porta de sua cozinha, onde a luz do dia esteja clareando bem. Mas cada produtor tem sua própria preferência do espaço para praticar sua tecelagem de cestaria.

Arumã, material silvestre

O *arumã* é uma matéria-prima muito valorizada nas comunidades *Medzeniako*. Esta espécie de planta é encontrada próximo aos igarapés, nas beiradas das roças antigas e próximas aos quintais das casas na aldeia. Por exemplo, numa das comunidades *Medzeniako*, Cabarí do Médio Rio Negro, esta planta é encontra bem próximo à aldeia, aos igarapés e roças.

Os produtores da cestaria usam técnicas específicas na hora de cortar os caules. São cortados “os *arumãs*” que servem para se fazer a cestaria *Ooloda*, ou seja, Tem que ser os *arumãs* que são próprios, já que aqueles que estão com o período muito avançado de crescimento não servem para produzir uma cestaria, assim como os *arumãs* que ainda estão com o tempo de crescimento “muito novo” não servem para fazer cestaria e outros artesanatos, por conta de suas fibras. Há o período certo e tipo de *arumã* específico a ser escolhido, por exemplo, para produzir o *Ooloda*.

Imagem 9 - A maneira correta de cortar o *Arumã*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

O *arumã* (*Ischnosiphon* spp.) é uma planta da família das marantáceas que cresce em touceiras em terrenos úmidos ou semialagados e rebrota após o corte (VELTHEM, 2014). O “*arumã* verdadeiro” é *Poapoa*, é preferencialmente empregado na produção de artefatos duráveis, resistentes a um uso intenso no cotidiano, como é o caso do *Ooloda/Urutú* grande, usado para carregar e trazer produtos da roça e armazenar a massa da mandioca entre outros. Já o *Oni-poapoa*, é *arumã* considerado muito simples e de pouca durabilidade, não adequado a produção da cestaria padrão *Medzeniako*.

Entre os *Medzeniako*, a coleta do *arumã* é atividade exclusivamente exercida pelos adultos, tanto homens e mulheres. Os homens, em algumas comunidades, exercem a atividade em maior parte de forma individual, às vezes em pequenos grupos entre parentes próximos. No local onde cresce o *arumã*, os caules são cortados, as folhas são retiradas, e os talos reunidos em feixe e amarrados. As fibras/talas e feixes são conduzidas em um cesto descartável feito de folhas de palmeiras (*mokoto nome do cesto na língua Medzeniako*). Antes das talas do *arumã* serem processadas, o cesto ou feixe que contém os caules é armazenado em lugares úmidos, na sombra, debaixo de árvores ou plantação próximo da casa na aldeia, por no máximo três a quatro dias, pois os caules de *arumã* apodrecem rapidamente.

A arte ancestral, *Ooloda/Urutú Medzeniako*

O Povo *Medzeniako* produz diversos artesanatos, dentre eles o *Ooloda/Urutú*. A tecelagem do *Ooloda* é feita com fibra de *arumã*. Essa prática é feita pelo homem tanto pela mulher. As técnicas de produção é compartilhada entre casal *Medzeniako*. *Ooloda* é feito por ambos, por isso o material é considerado patrimônio da família *Medzeniako*.

Os homens *Medzeniako* utilizam o *Ooloda* para colocar a farinha quente e torrada que acaba de ser retirada do forno; na maioria das vezes é o homem que o faz, dando apoio a sua esposa no momento da produção de farinha de mandioca. O *Ooloda* é utilizado pelos homens *Medzeniako* para carregar a mandioca, o “molho” (mandioca colocada na água por 2 dias para amolecer), como forma de auxílio à sua esposa na atividade de produção de farinha e outros. Eles, ao auxiliarem suas esposas ou família, utilizam as cestarias, especificamente o *Ooloda* para fazer a mistura da massa da mandioca; utilizam os *Ooloda* para guardar seus materiais de pesca e caça, entre outras formas e necessidades cotidianas de uso, assim como a finalidade que levam os *Medzeniako* produzirem o *Ooloda*.

Ooloda é um dos artesanatos da cultura material dos *Medzeniako*. É um dos artesanatos que os casais *Medzeniako* possuem como material do uso cotidiano. Muitas vezes, percebe-se que, entre casais, quem produz melhor o *Urutú* é a mulher. Assim como é possível haver entre homens *Medzeniako* uma pessoa na comunidade que tem boa habilidade nas criações de desenhos ou “grafismos” no *Ooloda*.

O *Urutú*, que chamamos de *Ooloda* na língua *Medzeniako*, é produzido em tamanhos diferentes. Os produtores, de ambo os sexos, produziam e produzem *Ooloda* segundo sua necessidade cotidiana; eram feitos para atender suas necessidades familiares, trabalhos, entre outras formas de uso. Um dos exemplos que se vê, seria para guardar a massa da mandioca, peixe moqueado e outros pertences, como apontei anteriormente. Aqui, trago imagens do *Ooloda/Urutú* produzido pelo Senhor Silvério Cardoso Garrido para demonstrar o tamanho dos *Ooloda/Urutú* que as famílias produziam para utilizar, cuidar e guardar os seus pertences. Por ser patrimônio da família, faz-se necessário o seu cuidado, para que tenha durabilidade.

Imagem 10 - Cestos *Ooloda/Urutú*



Fonte: Arquivo pessoal. SGC/Novembro de 2023

Ooloda/Urutú, patrimônio cultural do povo Medzeniako

Para os *Medzeniako*, o *Ooloda/Urutú* é um dos artesanatos e cestaria que faz parte de seu patrimônio cultural. É dele que as famílias *Medzeniako* mantêm o bom convívio e andamento do processo de subsistência na Comunidade. Ou seja, o *Ooloda* também faz parte da autosustentabilidade da família *Medzeniako*. Estima-se que 70 a 80% das famílias *Medzeniako* produzem *Ooloda* para comercializar, visando geração de renda extra.

A partir disso, o *Ooloda* para os *Medzeniako* é considerado relevante na vida de cada pessoa e família. É material reconhecido como portador de significados identitários. É nesse sentido que os *Medzeniako* manifestam suas preocupações quando se fala na preservação, fortalecimento cultural e estratégias para manter a memória do povo viva.

Em um diálogo com Silvério Garrido, produtor de cestaria *Ooloda*, relatou que:

Eu vejo que é necessário nos mais velhos dar aula na escola, mostrando como que começa a tecelagem do *Ooloda*. Os professores tem que praticar isso com os alunos deles na escola. Nós não somos chamados para ajudar na escola. Se tivesse oficinas seria bom, mas tem que chamar nós. Cada um leva fibras de arumã, aí a gente começa produzir, mostrando como tece o *Ooloda*, com desenhos também. Eu acho que para começar seria assim.

É essencial, igualmente, a escola indígena de uma comunidade *Medzeniako* compreender este cenário, a transmissão da história do *Ooloda* e sua produção. Trabalhar com este tema nas escolas seria um caminho excelente para manter sempre fortalecida a memória, a história do *Urutú*, o patrimônio material do povo.

Por fim, é necessário que escola e comunidade compreendam e busquem trilhas para fortalecimento do conhecimento, assim como da importância da história do *Ooloda* para assegurar que este marco histórico seja preservado, e devem considerar as estratégias tomadas ou definidas na comunidade e escola, trilhas e objetos de transmissão de história, tradição e conhecimento para que as gerações futuras aprendam com o passado e possam preservar sua identidade cultural.

Ooloda/Urutú, seu significado para o povo Medzeniako

O significado do *Ooloda/Urutú* deve fazer parte do planejamento e procedimento metodológico da escola indígena *Medzeniako*. Como todas as aldeias hoje têm esse espaço para se concentrar, agora é o momento de agir. É papel de escola incluir e considerar importante o ensino das artes e, dentre estas, lecionar a história do *Ooloda*, a sua importância.

Segundo relato do meu avô, Guilherme Garrido (*in memoriam*), o qual era mestre em produção de cestaria, ele só produzia um *Ooloda* com desenho (grafismo) e bonito quando era minha avó Porcinda Cardoso (*in memoria*) que pedia um de presente, para usar como

guarda-roupa. “Eu gostava de fazer um de tamanho médio com grafismo de *Tsípa littipe* (rabo do peixe pacú) para ela, às vezes com os desenhos com tintura da cor vermelha, às vezes com a cor preta, mesmo”, ele afirmava.

Cultura para o povo *Medzeniako* constitui a maneira de viver bem, com dignidade e o suprimento das necessidades básicas. O nosso sistema cultural constitui a nossa própria escola, onde os valores, crenças e rituais são repassados. Os *Medzeniako* têm naturalidade e fundamentalidade ao dizer da relevância dos bens materiais, pois é baseada muito mais no bem viver, em valores, saberes, crenças e ritos que regem nossas vidas, bem como atitudes frente aos desafios vividos, buscando transferir estes costumes a qualquer parte do seu território ou aonde vierem a viver.

Ter *Oolodas* ou produzir *Ooloda* para uso pessoal e coletivo, assim como considerar o *Urutú* como bem material, é significativo na vida das famílias *Medzeniako*. Ou seja, o homem ou a mulher *Medzeniako* que tem esse conhecimento da “produção de cestaria” é considerado a melhor e mais importante pessoa na comunidade, ou seja, dentro da Aldeia a pessoa que sabe produzir cestaria é considerada uma pessoa inteligente.

Entre o povo *Medzeniako*, quando se casam, o homem deve presentear sua esposa com um artefato produzido por ele, assim como a mulher deve presentear seu esposo com algum artefato produzido por ela. O homem sempre escolhe o *Ooloda* para dar de presente à sua esposa. Ele é utilizado em diversas finalidades e necessidades da família. Muitos produtores confeccionam o *Ooloda* em quantidade diversa para presentear uma pessoa; “uma dúzia de *urutús*”, por exemplo, em diversos tamanhos, “do pequeno até o maior”.

Meu avô Guilherme Garrido, dizia que, no momento que os filhos casam, os pais e tios do noivo presenteiam a noiva no dia do casamento com os melhores artesanatos. Melhores *Oolodas*. Segundo ele, é nesses momentos que a família do homem que está casando aproveita para demonstrar que ele é da famílias de conhecedores “sábios”. A mulher fica impressionada ao ver isso, casando com um homem da família dos conhecedores e mestres em produção de cestaria. É uma forma de mostrar que somos ricos, segundo ele.

Considerações Finais

Trabalho dessa magnitude propõe essa troca, uma discussão comunitária, acadêmica e científica, e que ganhe a visibilidade necessária para que o povo *Medzeniako* e outros tenham ciência da importância de conservar, preservar, valorizar e fortalecer os conhecimentos patrimoniais, tradicionais, ancestral, cultural e científicos do Povo. Este trabalho procurou abordar e envolver o coletivo, mais especialmente os produtores do *Ooloda/Urutú*, entre outras cestarias; sempre pondo em reflexão e discussão como essa

cultura material e imaterial é significativa para o povo.

É necessário compreender que a resistência é estar presente dentro dos nossos territórios ou fora, mantendo nossa própria língua fortalecida. É manter a produção de cestarias e diferentes tipos de artesanatos de forma ativa. É usufruir os recursos naturais que temos dentro do nosso território de forma controlada e sustentável. É buscar a cada momento manter o Bem Viver e Viver Bem dentro do nosso território para que não haja conflito e venha ser o motivo de saída das famílias do território. Seguir resistindo é demonstrar que os nossos conhecimentos tradicionais e ancestrais estão valorizados e fortalecidos. Produzir *Ooloda* é resistir, é maneira de manter e de apresentar que temos conhecimento e que o conhecimento adquirido de geração em geração e ancestralmente estará sempre presente e preservado.

Referências bibliográficas

- ASSMANN, Jan. *Memória cultural: o vínculo entre passado, presente e futuro*. Disponível em:
<http://www.iea.usp.br/noticias/memoria-cultural-o-vinculo-entre-passadopresente-e-futuro>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.
- CABALZAR, A.; RICARDO, C. A. *Povos Indígenas do Alto e Médio Rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia Brasileira*. São Paulo; São Gabriel da Cachoeira: ISA; FOIRN, 1998.
- GARRIDO, Ronaldo José. A cestaria Ooloda/Urutú: patrimônio material e imaterial do povo Medzeniako do município de São Gabriel da Cachoeira – Amazonas – Brasil. *Dissertação (Mestrado em Cultura e Identidade)*. Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cultura e Identidades da Amazônia (PPGICH), 2022.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Arilda Schmidt. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. São Paulo: Pioneira, 1995.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 1993.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Relatos orais: do indizível ao dizível. Experimentos com história de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Ática, 1988.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas (FGV), v. 10, 1992.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, v. 2, n. 3, 1989.
- LIRA, Daniel Oliveira. O Museu do Índio como salvaguarda de saberes: o projeto de documentação Baniwa. *Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio)*. Universidade
- Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129**
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro, 2021.

VELTHEM, L. H.; LINKE, I. L. V. *O livro do Arumã: Wama Pampila: Aruma Papeh*. São Paulo: Iepé, 2014.